

Os efeitos da violência intrafamiliar sobre as relações interpessoais em sala de aula

Maria Rita Paula da Silva¹

¹ Formada em Pedagogia (UNIFAP), Pós-graduada em Pedagogia Escolar com habilitação em Orientação, Supervisão e Administração Escolar, e em Magistério Superior. Mestra em Ciência da Educação na Universidade Autônoma de Assunção, com revalidação pela UFPE (2013), Mestra em Teologia - Faculdade EST- RS, e Doutoranda em Ciência da Educação - UAA. Professora da rede Pública Estadual do Amapá e Municipal de Santana-AP, Brasil. E-mail: mrmariapaula@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo investigar os efeitos da violência intrafamiliar sobre as relações interpessoais: um estudo exploratório em sala de aula: de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental em uma escola da zona urbana. A pesquisa foi realizada dentro do referencial quantitativo utilizando como método o estudo de caso. Foram utilizados como instrumentos de investigação questionários com perguntas abertas e fechadas. Por questões éticas considerou-se a necessidade de solicitar, antes do início de cada entrevista a permissão dos sujeitos envolvidos neste estudo. As respostas foram posteriormente analisadas, agrupadas em categorias, assim como ilustradas a partir de análise descritiva. Os resultados indicam que a maioria dos professores presencia a violência em sala de aula e essa prática vem influenciando negativamente o desempenho escolar das crianças e acreditam que esta violência é um reflexo familiar. Ao analisarmos as respostas dadas pelos pais percebe-se que estes por sua vez responsabilizam a escola pelos atos de violência cometida por seus filhos. Nas respostas dos alunos constatou-se que a maioria sofre violência física e psicológica em casa por seus pais e parentes o que os deixa revoltados e estimulados a praticar atos desagradáveis em sala de aula.

Palavras-chave: Alunos, comunidade escolar, agressividade em sala de aula.

The Effects of domestic violence on interpersonal relationships in the classroom

ABSTRACT: This study aimed to investigate the effects of domestic violence on interpersonal relationships: an exploratory study in the classroom: from 1st to 4th grade of elementary school at a school in the urban area. The survey was conducted within the quantitative and qualitative reference method using as a case study. Were used as research instruments questionnaires with open and closed questions. For ethical reasons we considered the need to request, before the start of each interview the permission of the subjects involved in this study. Responses were then analyzed, grouped into categories, as illustrated from the descriptive analysis. The results indicate that most teachers witnesses the violence in the classroom and this practice is negatively affecting the academic performance of children and believe that this violence is a family-reflection. By analyzing the answers given by parents realize that these in turn blame the school for the acts of violence committed by their children. In the responses of the students it was found that most suffer physical and psychological violence at

home by their parents and relatives leaving them angry and unpleasant acts encouraged to practice in the classroom.

Keywords: Students, school community, aggression in the classroom.

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que a sociedade em geral está bastante preocupada com a violência que acontece dentro da sala de aula, pois se trata de um problema que afeta o dia-a-dia dos alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica pedagógica da escola, prejudicando o relacionamento entre as pessoas que formam a comunidade escolar. A família se insere nesse contexto, pois suas funções básicas estão de tal modo identificadas com a educação; pois, não se pode tratar uma sem referenciar à outra, sendo a família o elo entre a criança e a sociedade, daí a importância de uma participação mais efetiva desta, dentro da escola, buscando soluções para eventuais problemas.

Desta forma o objetivo desta pesquisa é fazer uma abordagem sobre as causas e consequência da violência em sala de aula que levam o educando a cometer atos violentos contra colegas e funcionários, bem como os motivos pelos quais as famílias não se envolvem de maneira efetiva na vida dos filhos. Este por sua vez também se refere aos aspectos culturais que levam a tais situações, pois as mesmas prejudicam o avanço educacional e colaboram para o fracasso da sociedade.

Apoiando-se nesse estudo, pôde se constatar por meio de relações e experiências vivenciadas, que quando a família realmente acompanha a criança

na escola consegue melhores resultados. Historicamente percebe-se a necessidade de um bom relacionamento entre família e escola.

Assim, o instrumento metodológico utilizado foi uma pesquisa de campo foi a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas para que as pessoas envolvidas pudessem responder a temática em questão e posteriormente serão descritivamente analisadas.

2. HISTÓRIA SOCIAL DA FAMÍLIA

Desde o princípio da humanidade crianças e adolescentes vem sendo tratados violentamente pela sociedade em geral. Para Faleiros (2006) na Grécia Antiga, o contraste social era perceptível, na medida em que os filhos de cidadãos eram educados para futuramente formar uma família ideal e desfrutar de um lar perfeito e feliz e a filhos de escravos, cabia lamentar pelo futuro triste e cruel que a vida lhes reservava, sendo vendido em feiras livres e recebendo todo tipo de tratos.

Já em Esparta a educação dos meninos a partir dos sete anos passava a ser uma responsabilidade do Estado, este por sua vez, os educavam militarmente com exercícios físicos pesados. Aos 18 anos os rapazes faziam parte da assembleia e até aos 20 anos eram incorporados como cidadãos. E aos escravos restavam apenas os trabalhos das lavouras nas fazendas de seus senhores.

Em Atenas os homens ingressavam na vida militar aos dezoito anos, antes disso recebiam uma educação em escolas, de grandes mestres destinados às crianças de elite. Faleiros (2006). Faz um parâmetro entre as opiniões de Platão que defendia uma educação cidadã, desde que fosse controlada pelos membros dos conselhos mais elevados, e de Xenofonte que descartava qualquer possibilidade de voz ao povo, pois estes eram considerados ignorantes; sendo então a palavra, um direito apenas dos sábios Faleiros (2006), também refere-se a formação das mulheres de Atenas que era voltada para a vida doméstica, as quais, casaram-se precocemente aos 18 ou 15 anos de idade.

De acordo com esses pressupostos teóricos, não havia muitas diferenças entre a realidade familiar e educacional do Império Romano e Atenas, pois, em ambas os meninos eram educados militarmente e as meninas para o casamento precoce, sendo que no império romano, meninos e meninas permaneciam juntos protegidos em seus lares até aos 12 anos de idade. Afirma ainda que o poder patriarcal durasse até a morte do pai, que era sucedido pelo seu primogênito.

Historicamente tem-se registrado um alarmante índice de violência e desrespeito a infância, as várias instituições sociais, ou seja, a família, a igreja, a escola e outros vêm ao longo do tempo dando um tratamento nada condizente com as necessidades e aspirações das crianças e dos adolescentes.

Percebe-se que em algumas civilizações a sociedade vem tomando novas formas. A infância já começou a ganhar mais espaço, sendo este, um processo lento e gradativo, mas que tem feito o mundo perceber que devemos garantir um presente melhor para as nossas crianças, para que no futuro elas possam fazer parte de toda a engrenagem social, garantindo assim a sua cidadania.

2.1. Família moderna

A partir do século XVI, as famílias passam incorporar uma nova forma de relacionamento entre os que compõem, os sentimentos maternos, paternos ganham mais espaço afluindo de forma natural e sem tantas restrições existentes nos séculos passados. As crianças passam a ter tratamento mais condizente às suas idades havendo assim uma grande mudança no relacionamento entre adultos e crianças. Essa nova visão da família em relação às crianças trouxe grandes modificações em todo o contexto familiar. Isto fica claro quando Airés (1981) afirma:

A família retirou da vida comum apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade, os membros das famílias se reúnem pelo costume, sentimentos e gêneros de vida. (p. 233)

Surge então uma reorganização da família, esta passa a centralizar suas

atenções e sensibilidade nas necessidades infantis. O controle da natalidade passa a ser uma preocupação e como forma de proteger as suas crianças e a família “levanta” muros entre ela e a sociedade procurando assim mais privacidade.

Fica visível a ideia de que a família moderna passa então a sentir a necessidade de uma maior intimidade entre seus membros e busca identificar-se mais entre si, o que a faz unir-se cada vez mais por sentimentos costumes familiares e pelas características que lhes são peculiares.

Esta família adquire uma aversão, aos valores impostos pelas sociedades antigas. Isso fica explícito quando Airés (1981) diz que de fato essa nova formação familiar teve seu início na sociedade burguesa. A alta nobreza e o povo mantiveram-se por mais tempo vivendo da forma mais tradicional.

Segundo esse autor, já nas famílias modernas a educação escolar que antes não tinham muita importância, pois as crianças até aos sete anos eram educadas junto com os adultos e depois eram levadas para outra família, o que só ressaltava a falta de afetividade familiar, agora é tratada com mais preocupação, a escola deixa ser um espaço reservado a atividade religiosa para torna-se um trampolim para uma vida em sociedade. Entre os educadores nasce à preocupação de um maior rigor moral na tentativa de treinar esses jovens a resistirem às tentações do mundo adulto, que segundo as quais é sujo, é imoral e aos pais fica o alívio de poderem vigiar de perto os filhos e não

mais abandoná-los mesmo que temporariamente aos cuidados de outras famílias. Em seus relatos Airés (1981), confirma que “aos poucos a sociedade foi adaptando-se a uma nova visão de educação e essa nova forma de ver a educação foi responsável por uma transformação social”, a família passa a ser uma transmissora de bem e de nomes que devera ser muito bem cuidados pelas gerações atuais que no futuro essas famílias continuassem colhendo bons frutos.

SILVA (2004) menciona que “a desigualdade social era gritante, de um lado os nobres nasciam envoltos em fortunas e luxos e de outros miseráveis lutavam para sobreviver, o vício contratavam-se com a moral, assim como a heresia com a devoção.” Toda essa confusão social não assustava ou surpreendia a ninguém, pois era vista como consequências naturais, trazidas de nascimento, ou seja, aos ricos restavam-lhes aproveitar tudo que recebiam, sem restrições ou medo de humilhar aos pobres, enquanto estes deviam apenas conformar-se com o que o destino lhes reservava.

De acordo com Airés (1981) em dado momento à aproximação das desigualdades tornou-se inaceitável, pois a arrogância dos ricos começou a mexer com a vergonha dos pobres, surge então uma intolerância por parte do povo diante a diversidade; junto a essa intolerância, nasce um novo conceito sobre o sentimento de classe, unindo-se a uma preocupação de uniformidade.

No século XVIII, a família começa manter-se distante da sociedade, fe-

cha-se em um espaço limitado, a vida passava a ser particularizada e mais restrita à residência familiar; essa por sua vez ganha cômodo mais independente, e com a maior privacidade para os seus ocupantes a intimidade e conforto são levados em consideração na construção dos mesmos, pois na sociedade vigente existia apenas a preocupação com a educação, com moldar dos pensamentos e comportamentos e com a conquista de fortunas, começam então a mudar os tratamentos entre senhores e criados. Reforçam-se a intimidade da vida privada. O novo sentimento familiar não mais combina com as aspirações da sociedade, elas deveriam desassociar-se para que ambos desenvolvessem-se a contento, a família então cria uma autonomia diante da sociedade.

2.2. Conceito de família na atualidade

Atualmente pode se observar que os modelos familiares podem ser analisados tanto pela questão social quanto pela econômica: aos laços que deveriam ser valorizados como amor entre o casal, compreensão, responsabilidade, infraestrutura doméstica e afetiva pela mulher. Mesmo com todos os avanços, ainda hoje o modelo nuclear (pai, mãe e filhos) ainda é o mais aceito, embora o divórcio e a emancipação feminina tenham abalado esse conceito de "família perfeita". (PRADO, 1991, p. 26).

O modelo clássico de família está cada vez mais ultrapassado, pois aquele que parece ser pai na verdade pode ser o padrasto ou um tio, alguém que

tome para si a responsabilidade de educar, suprir as necessidades tanto financeiras, como emocionais de uma criança.

De acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atualmente 47% dos domicílios organizam-se de formas nos quais no mínimo um dos pais está ausente. Há gente morando sozinha, avós ou tios criando netos, casais sem filhos "produções independentes" e outras tantas alternativas. (...) "Embora o modelo nuclear ainda seja maioria, cresce a incidência de novos arranjos", atesta Ana Lúcia Sabóia, Chefe da divisão de Indicadores sociais do IBGE (PEREIRA, 2002, p. 08).

O que o mesmo estudo demonstra é que cresceu o número de famílias que se adaptaram, aos novos tempos, onde o tradicionalismo foi deixado de lado. Agora os núcleos familiares assumem uma maior preocupação com a qualidade nas relações e no objetivo de cada indivíduo.

Os integrantes da família moderna conquistaram mais autonomia e igualdade, pois o formalismo foi substituído pelo direito de voz e opinião, dado as mulheres e filhos, já que o homem não é tão presente neste núcleo. Inclusive no novo Código Civil, a expressão *pátrio poder* foi substituída por poder familiar, que pode ser exercida por ambos os sexos.

Muitos fatores têm colaborado para esta transformação, como o divórcio, que virou Lei em 1997. O que possibilitou que as pessoas pudessem reconstruir suas vidas, com quem e com

quantas pessoas quiserem, decretando assim o fim do termo “até que a morte os separe”. Em muitas situações dentro de uma mesma casa, verifica-se a existência de filhos de outros casamentos unidos não pela consanguinidade e sim por laços afetivos, mesmo que somente, pois:

Antes a família era indissolúvel. Hoje, se os sentimentos individuais não são satisfeitos, as pessoas rompem o estatuto da família e vão viver de outras maneiras. A própria noção de parentesco está sendo revista. Uma pesquisa do Departamento de Psicologia de Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), feita com adolescentes de famílias de “recasados”, detectou que após quatro anos eles passavam a considerar com família as pessoas com quem viviam sob o mesmo teto seus meios-irmãos, padrastos e madrastas. Isso demanda maior habilidade de convivência, capacidade de ceder espaço, o que não era tão necessária na organização familiar, diz Adriana Wagner, pesquisadora da PUC-RS. (PEREIRA, 2002).

A emancipação feminina e sua luta por um lugar no mercado de trabalho também é um fator preponderante para essa mudança. A mulher já não ocupa lugar secundário dentro dessa família, pois em muitas ela é a mola propulsora, que a mantém, tanto afetivamente como economicamente. É cada vez mais crescente o número de famílias chefiadas por mulheres não somente pelo divórcio ou pela ausência do pai, mas pela obrigação de suprir as

necessidades materiais que aquele grupo familiar precisa (PRADO, 1991).

Porém, o que se constata é que apesar desses avanços, as mulheres que trabalham fora ainda assumem os afazeres domésticos, tendo assim uma dupla jornada de trabalho. A mulher saiu para o mercado de trabalho sem deixar, com tudo de ser mãe. E nem por isso os homens se tornaram mais pais.

Mesmo naquelas famílias ditas bem constituídas ou nucleares o papel da mulher é ainda o de educar os filhos, mesmo que com seu trabalho ela contribua mais financeiramente que o marido. Embora o mundo tenha mudado, ainda existe essa velha divisão, onde o pai trabalha e não tem tempo para educar os filhos, que é papel da mãe, mesmo que esta contribua financeiramente para o sustento dessa família.

Estudos enfatizam que as relações dentro da família foram modificando-se com o passar do tempo, surgindo novo modelo familiar, onde a união e os objetivos comuns estão dando espaço a projetos individuais e até mesmo priorizando a obtenção de bens materiais, o que de certa forma é imposto pela sociedade, através do capitalismo desenfreado.

Sobre esse assunto, podemos dizer que a família é formadora do cidadão, sendo esta o primeiro espaço social do indivíduo, podendo ter contanto com várias gerações conhecendo e aprendendo a lidar com as diversas relações de poder dentro dessa sociedade.

Cada vez mais a família vai à busca de projetos individuais e sua sobrevi-

vência se dá enquanto essa “busca” ainda é compartilhada por seus membros. O valor da família não prevalece mais sobre o dos sentimentos individuais das pessoas.

2.3. Violência familiar e suas implicações em sala de aula

A violência cometida contra a criança e adolescentes é um fenômeno social que sempre existiu na história da humanidade. Atualmente, a sua construção tem dimensões “multifacetadas”, sendo considerada por especialistas e organizações humanitárias como uma questão epidêmica.

Há vários tipos de violência contra crianças e adolescentes, mas pode-se agrupá-las em dois grandes grupos: a ausência ou deficiência de políticas públicas que acaba por negar, ameaçar ou violar direitos legalmente adquiridos à criança e ao adolescente e a violência contra a pessoa ou grupo, atingindo sua condição biopsicossocial.

Portanto, tratar do tema da violência familiar e sua influência na escola requer uma breve reflexão sobre esse fenômeno social.

A violência contra criança, muitas vezes, acontece dentro do próprio lar. Há diferentes formas de violência doméstica ou intrafamiliar, as quais são agrupadas e definidas como física, sexual, psicológica e negligência. A violência no lar se expressa de diferentes formas. A criança, como parte integrante da família, pode estar exposta à agressão direta, quando ela é o alvo da agressão ou indireta, quando presencia

cenários de violência entre os pais. Ambas as formas de agressão são prejudiciais à criança.

Há um grande número de crianças que testemunharam a violência doméstica assinalam que uma das importantes razões pelas quais filhos de mães agredidas apresentam um quadro de distúrbio é o fato de terem presenciado uma cena de violência doméstica contra a própria mãe, sendo isto uma experiência traumática. O maior índice de violência, segundo esses pesquisadores, estar na saúde mental, resultado de violências domésticas, conclui que a mera exposição à violência doméstica é em si mesma, uma forma de maltratar a criança, afirmando que a criança que testemunha a agressão à sua mãe é vítima de violência psicológica.

Algumas dificuldades que podem decorrer do fato de se presenciar violência doméstica são ilustradas no estudo comparativo de famílias violentas e não violentas e estresse materno, indicando uma significativa prevalência de problemas comportamentais e reduzida competência social em crianças expostas à violência familiar. Os resultados obtidos em estudos dão embasamento à posição no trabalho em que discute as diretrizes conceituais e teóricas sobre crianças expostas ao conflito conjugal e a violência. A família tem uma importante influência na aquisição de modelos agressivos pelas crianças. Pais que utilizam a punição estão mostrando a seus filhos que a violência é uma forma apropriada de resolução

de conflitos e de relacionamentos entre homens e mulheres.

Bock (2000) assinala, em seu trabalho sobre o impacto da violência contra a mulher no desenvolvimento social da criança, que os modelos de comportamento aprendidos na primeira infância em interações com outros são automaticamente usados em novas situações táticas de agressão, podendo aprender a aprendizagem, a criança adiciona táticas de agressão, podendo aprender a manipular, persuadir, coagir e mostrar, desde o início, comportamentos antisociais, podendo ainda exibir tais comportamentos em interações sociais com seus pares, fora do lar.

O comportamento agressivo, segundo os estudos acima citados, está inserido entre os problemas apresentados pelas crianças frente à violência doméstica. Nessa perspectiva, a violência é um fenômeno socialmente construído como parte da própria condição humana, aparecendo de forma peculiar de acordo com os arranjos societários de que emerge. Por ser entendida como um produto de relações sociais construídas de forma desigual e geralmente materializada contra pessoas que se encontram em desvantagens física, emocional, econômica, social e ambiental. Trata-se de relações que envolvem a cultura, o imaginário, as normas e o processo civilizatório de um povo. (FALEIROS, 2006).

É nesse emaranhado de implicações da construção do fenômeno da violência que a escola é frequentemente convocada para responder ou receber demandas em sua função de instituição

de ensino e de socialização de crianças e adolescentes. Isso porque, tomando crianças e adolescentes como seres que, em razão do ciclo da vida, são depositários de esperanças da qual a escola se torna um ambiente e lócus privilegiados como instituição capaz de desenvolver novos padrões culturais e paradigmas de civilização, como a construção de uma cultura para a paz, por exemplo.

De acordo com os alunos quanto mais frequente é a violência vivenciada no cotidiano, maior parece ser a normalização da violência. Além disso, ainda afirmam que o que ocorre em casa e no bairro parece ter repercussão direta no cotidiano escolar. Para ilustrar esse fato permita-nos intitular algumas matérias divulgadas no Jornal o Globo (10/05/2013) a qual se reposta que três alunos ficaram feridos durante um tiroteio na porta de uma escola em Minas Gerais; Uma adolescente de 14 anos bateu com uma pá na vice-diretora do colégio, em Belém. O aluno já tinha se envolvido em brigas com outros colegas e volta e meia enfrentava algum problema. A mãe pediu a transferência do garoto e, para o diretor do colégio, esse foi o motivo da irritação. Em Belo Horizonte o tiroteio foi na hora da saída dos alunos do turno da noite de escola, em Vespasiano, na região metropolitana de Belo Horizonte. Três estudantes ficaram feridos. Eles têm 15, 16 e 18 anos.

A violência nas escolas tem assumido um papel central nas discussões dos órgãos encarregados. Este fato é comprovado ao analisar os anos 1996 a

2014 onde é nítido através de jornais nacionais e locais mostrarem através de reportagens à tamanha violência envolvendo as escolas, alunos e profissionais que atuam na mesma.

O *bullying* é um tipo de violência que está acontecendo nas escolas, com frequência entre os jovens, com comportamentos violentos utilizando agressões, assédios e ações de desrespeito para com o próximo. Vale ressaltar que este tipo de violência acontece muitas vezes por motivos injustificáveis pela parte do agressor que age de forma natural, intimidando, humilhando e amedrontando suas vítimas que são escolhidas por eles por serem mais frágeis, provocando dor e sofrimentos que serão lembrados pelo resto da vida originando traumas psicológicos. De acordo com (SILVA, 2010, p. 21.) "O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são alguns das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* (*bullies*) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio".

De acordo com essas considerações aqui levantadas, cabe dizer que as consequências do comportamento agressivo podem ser graves a partir do ato cometido seja ela violência verbal que são as ofensas direcionadas através de palavras, física que utiliza a força com o objetivo de ferir e machucar, deixando ou não marcas evidentes, a psicológica que muitas vezes é mais forte do que a física pois é uma agressão emocional caracterizada por desrespeito, humilhação e punições exageradas que dei-

xam cicatrizes indelévels para toda a vida.

3. METODOLOGIA

A referida pesquisa teve como objetivo investigar o que leva o educando a agir violentamente em sala de aula, nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública localizada no Município de Santana-AP. Durante o período da investigação, os alunos, pais e professores colaboraram com o fornecimento de importantes informações aqui utilizadas.

Nesta pesquisa verificou-se como os professores dessa escola, estavam preocupados com o alto índice de violência existente em sala de aula, o qual vinha interferindo no processo de aprendizagem.

A mesma foi realizada através de questionários para os alunos, pais e professores como sujeito 11 professores, 20 pais e 20 alunos de ambos os sexos com faixa etária entre 7 a 15 anos, onde os mesmos foram informados sobre a atividade a ser realizada, sendo o grupo que respondessem a um questionário de forma individualizada, com duração de 15 minutos por entrevista.

Após observar e registrar os atos de violência em sala de aula, realizou-se uma análise de dados por meio de percentuais, acompanhados de textos que deram base para a discussão e proporcionarão uma melhor mensuração dos problemas, assim como uma melhor possibilidade de proposições no tocante a essa problemática.

3.1. Técnicas de coleta de dados

As entrevistas foram executadas com a finalidade primeira de fazer um apanhado de que pensam as pessoas envolvidas no processo de ensino escolar, principalmente dos educadores de que se espera uma atividade contínua no sentido de informar para ajudar a formar pessoas esclarecendo, o que domina os reais motivos que levam os alunos a cometer atos de violências em sala de aula.

A técnica de observação permeou todo o período de entrevistas em que a pesquisadora esteve diretamente com as pessoas e grupos já citados. Também foram utilizados como instrumentos para análise de dados questionários para discentes com 3 (três) perguntas de cunho fechado, 16 (dezesesseis) perguntas e 5 (cinco) perguntas para os docentes.

A análise dos dados ocorreu a partir da criação de categorias construídas por meio de referencial teórico bem como a utilização de análise descritiva para melhor entendimento.

3.2. Sujeitos da pesquisa

Alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, pais e ou responsáveis dos mesmos e professores, foram entrevistados e suas respostas nos permitiram a analisar as ideias e propor ações voltadas para a inversão positiva nas questões relacionadas a violência em sala de aula.

3.3. Material pesquisado

Foram utilizados questionários diretos aos grupos apresentados na tabela abaixo, obedecendo aos percentuais necessários para a validação da mesma como instrumento de cunho científico.

Tabela 1: Universo da pesquisa

Categoria	Total de pessoas por classe	Entrevistados	Percentual de pessoas entrevistadas
Professores das turmas de 1ª a 4ª série	13	11	88%
Alunos	322	20	6,4%
Pais ou responsáveis	322	20	6,4%
Total de entrevistados		51	100%

3.4. Análise dos dados

Quando perguntado aos professores o tempo em que trabalham na escola, 73% afirmaram que trabalham de 2 a 3 anos e 27% responderam que trabalham de 02 a 12 anos na instituição. Esses resultados mostram certo conhecimento que os entrevistados já têm da comunidade intra e extraescolar.

É importante ressaltar que a maioria dos educadores já possui formação superior ou estão cursando. Um número expressivo deste, não são moradores do bairro, residem em outros bairros.

Quando se perguntou aos 11 professores entrevistados, da sua opinião de como se caracteriza a violência, 50% respondeu que uma forma de maus tratos que afetam a pessoa física e psi-

cologicamente, 30% responderam que são maus tratos que atingem a criança apenas fisicamente, e 20% disseram que são maus tratos que afetam apenas o psicológico da criança.

As raízes do comportamento agressivo começam na infância e estão alicerçadas na relação de afeto com as figuras materna e paterna, é necessário fortalecer os laços de amizade, para que tenha um convívio saudável, onde possa haver respeito mútuo, consolidado através do diálogo, da compreensão, da reciprocidade, do amor, onde todos possam conviver com as diferenças que naturalmente existem em qualquer grupo social seja ele família, escola, igreja.

Abramovay (2003) conceituando a violência, ressalta que a percepção no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse assunto é abordado. No passado, as análises recaiam sobre o sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra aluno (punições, castigos corporais). Na literatura contemporânea, sociológica, antropológica, psicológica e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra professores ou vice versa.

Segundo a autora, a ênfase de cada estudo depende daquilo que é defendido como violência. Muitos estudiosos refere-se à dificuldade de definir violência escolar, não somente porque esta remete aos "fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e ordenar", mas, também, porque ela desestrutura representações sociais que têm

valor fundador, por exemplo, a ideia de infância (associada à ideias de inocência) e a de escola (compreendida como refúgio de paz).

Outro fator dificulta a apreensão e a análise da violência em particular, da violência escolar é o fato de que não existe consenso sobre significado de violência. O que é caracterizado como vivência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos) da idade e, provavelmente do sexo.

Em relação à pergunta sobre os tipos de violências que os professores mais presenciam em sala de aula, 20% responderam que é a violência física e 80% disseram que é a violência física e psicológica, conforme a análise tal afirmativa foi constatada em pesquisa de campo em que as respostas mais frequentes foram as seguintes: Socos, chutes e tapas, em seguida violência verbal, a maioria dos alunos ofende-se em sala de aula e também violência física e moral.

Não se trata de delinquência, mas de criança abandonadas ou escorraçadas moralmente, "anormalizadas" pelo meio. É de difícil percepção, confirmado pelo resultado do trabalho de pesquisa que a violência ocorrida em sala de aula está intimamente ligada ao seio da família do educando, ambiente este, que na maioria das vezes é repleto de problemas de ordem social, econômica e familiar.

Por ocasião das entrevistas realizadas, obtivemos informações de que a maioria dos entrevistados não usufrui da companhia de seus pais biológicos,

uma vez que foram abandonados pelo mesmos, ficando a critério dos avós a responsabilidade pela educação e sustento dos menores. Dessa forma a vida, as crianças não têm uma atenção específica, atenção esta que, nessa fase da vida, é de extrema importância para ocorrer um desenvolvimento salutar e para que esta criança se torne um adulto virtuoso e educado para exercer plenamente sua cidadania.

Quando perguntamos aos alunos como eram repreendidos por seus pais ou responsáveis, 57% responderam que sempre são chamados atenção e dão palmadas, 24% responderam que seus pais chamam para conversar, mas quando estão aborrecidos eles gritam e 19% responderam que são repreendidos de forma agressiva com palavrões e pancadas.

Com relação à pergunta proposta em questionário por ocasião da pesquisa as respostas disponibilizadas, as mais comuns foram à violência física no âmbito familiar, especialmente contra crianças, tem estado muito presente em nosso cotidiano. Em evidência, está a violência física e psicológica.

A grande maioria dos pais não está sabendo dar o tratamento devido aos diversos comportamentos de seus filhos ou tutelados, E, por não saberem lidar com essa situação, enfrentam a circunstância de forma agressiva, tanto na esfera física, quanto psicológica. Agindo dessa forma, prejudicam sobremaneira o crescimento da criança como cidadão.

O comportamento agressivo de pais ou responsáveis interfere diretamente

no processo educacional que se reflete em sala de aula, estimulando a agressividade dos alunos tornando-os impacientes e revoltados, num verdadeiro reflexo do tratamento recebido no campo doméstico.

Diante disso, acredita-se que é fundamental que pais e responsáveis e professores tornem-se aliados para que, juntos, cheguem a um entendimento no sentido de estabelecer mecanismos viáveis que venham proporcionar melhoria no sentido de estabelecer mecanismos viáveis que venha proporcionar melhoria no comportamento familiar e, conseqüentemente, com reflexos diretos na sala de aula.

Quando se perguntou aos pais ou responsáveis sobre seu nível de escolaridade 33% responderam que estudaram até a 8ª série, 29% disseram que cursaram até a 4ª série, 24% responderam que nunca estudaram e 14% dos entrevistados responderam que cursaram o ensino médio.

Oliveira (1993) em seus estudos sobre educação, cita Vygotsky ao referir-se sobre a correlação entre dois aspectos do processo e aprendizagem, o meio social e os estímulos que o indivíduo recebe. Sendo assim Oliveira afirma:

Ao lado de sua preocupação constante com a questão do desenvolvimento, Vygotsky enfatiza em sua obra a importância dos processos de aprendizagem. Para ele desde o nascimento da criança o aprendizado está relacionado com o desenvolvimento e é um aspecto necessário e universal do processo no desenvol-

vimento das funções psicológicas culturalmente organizadas especificamente humana. Existe um processo de desenvolvimento em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual pertencente a espécie humana, mas o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que se não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural não ocorreriam. (Oliveira, 1993 *in* Vygostky 1991, p, 68)

Sendo assim, fica claro a influência que o meio social exerce sobre todos os aspectos para formação do indivíduo, segundo Vygostky (1991) existe no ser humano dois processos sendo eles interpessoal e intrapessoal que ocorrem num movimento de "vai e vem", que é proporcionado pela interação do indivíduo com o meio. Em outras palavras, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá, simultaneamente, do exterior para o indivíduo e vice-versa, através da internalização de processos interpessoais que tem lugar no interior das relações sociais.

Quando perguntamos aos pais o que é violência, 47% responderam que é violência física e psicológica que é bater, chamar palavrões e falar mal e para 43% disseram que é dar pancada e chamar palavrões e 10% responderam é a psicológica pois meche com o emocional das crianças.

Kaloustian (2005, p.58) coloca que em muitos casos a família não dispõe de repertório democrático para resolver situações conflitivas e recorre, por-

tanto seu acervo pessoal (memória) de procedimentos adquiridos no próprio processo de aprendizagem soma-se e nós às vezes a esta memória individual ou coletiva presente na história de vida do pai ou mãe violentos e nos costumes uma intensificação de conduta destrutiva, quando predomina o ódio, o ressentimento, o abuso e a transgressão.

Em muitas famílias a violência doméstica é um fato muito forte entre seus membros, principalmente quando se refere às crianças, onde alguns pais por acharem que usando a violência seja ela física ou psicológica como forma de punição estão contribuindo de forma destrutiva com a vida desta criança que acaba levando para a sala de aula o mesmo tratamento para com os colegas.

Perguntou-se também aos pais como eles repreendiam seus filhos, 48% dos entrevistados afirmou que grita, ameaça e coloca de castigo, 47% usam como forma de repreensão a ameaça e o xingamento e 5% disseram que conversam com seus filhos.

Podemos avaliar também como tortura psicológica, quando pais ou responsáveis constantemente depreciam a criança, bloqueiam seus esforços de auto aceitação, causando-lhe sofrimento mental.

Todo ato de violência, mesmo que considerado por parte dos pais um simples corretivo causam traumas nas crianças e o respeito que tanto deseja, transformam-se em medo e muitas vezes contribuem para que a criança

venha ser futuramente um adulto atraído ou revoltado.

No interior da família, lugar mitificado, em sua função de cuidado e proteção, existem muitas outras formas de violência além da física e sexual, ou seja, há o abandono, a negligência, a violência psicológica, isto é, condições que comprometem o desenvolvimento saudável da criança e do jovem. A primeira violência seria a negação do afeto para a criança, que depende disso para sua sobrevivência psíquica, assim como depende de cuidados e de alimentação para sua sobrevivência física.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema básico desta pesquisa é a violência familiar e suas implicações em sala de aula, considerado como danos físicos ou simbólicos, impostos a indivíduos ou grupos, especialmente na escola. Em um plano mais macro a violência está associada à situação econômica dos menos favorecidos, às desigualdades sociais e falhas de comunicação. No entanto, há diversos tipos de ambiências violentas, não se podendo reduzir o único fator.

Nesta pesquisa, registra-se que além da violência familiar, há de se referir outros tipos de violência, como a física e psicológica, que atinge de alguma maneira todas as pessoas. A física é caracterizada por brigas, agressões, invasões, depredações e os conflitos que se registram em todos os lugares e por diversos atores: pais, filhos, alunos, professores e funcionários. A violência psicológica é mais difícil de ser perce-

bida. É exercida, muitas vezes, de forma sutil sem necessariamente ser vista como violência por quem a sofre, ou seja, quando a vítima não se dá conta de sua importância frente aos poderes, como exemplo, o desinteresse do professor e a indiferença dos alunos.

Durante o desenvolvimento do trabalho constatou-se que a ausência da família na escola é a principal responsável pela violência nesta instituição, não somente pela falta de acompanhamento, mas pela forma como as crianças e jovens são tratados, afirmados pelos próprios alunos, durante os momentos de entrevistas, quando foram interrogados sobre como são reprimidos por seus genitores, onde a exposição das crianças à violência familiar aumenta a incidência de conflitos em sala de aula. Vale ressaltar que nessa fase a convivência com o outro é muito mais expansiva, haja vista os alunos não serem responsáveis por suas ações e que dependem dos adultos para orientá-lo sobre o sentido de uma convivência pacífica em sociedade.

Constatou-se que a cultura da violência familiar se materializa a cada dia no sistema escolar como um obstáculo que traz consigo vários caminhos considerados como desculpalização para o insucesso do aluno. Acompanhado desse fenômeno, que tem origem nas "raízes" culturais da autoridade paterna familiar e, portanto, pela submissão dos filhos, traz consequências irreparáveis a uma outra instituição chamada escola, cujo espaço é o mais frequentado pelo sujeito e, que é atingido em

cheio por esses fatores que impedem uma relação interpessoal saudável.

Por outro lado, estas têm se eximido de sua função social que é a preparação do sujeito para uma vida em sociedade e para o trabalho. Um exemplo dessa omissão são as formas como os conflitos são tratados no interior da mesma, por vezes, somente o aluno é o culpado de todas as mazelas vivenciadas em seu interior. Percebe-se que a instituição escolar precisa articular estratégia social, em que o aluno tenha ambiente de amizade e respeito, e assim, eles se conscientizarão em conservar o seu espaço de aprendizagem.

A prática em sala de aula, segundo os professores, apresenta-se fragilizada, em virtude dos comportamentos dos alunos, os docentes por sua vez, encontram-se desestimulados, sendo possível constatar a falta de um suporte teórico que viesse contribuir com o processo ensino-aprendizagem dos educandos. Além da falta de uma relação afetiva entre alunos, professores e comunidade. Dessa maneira esses aspectos contribuem para se estabelecer uma relação de indiferença que em nada ajuda os aspectos qualitativos dos serviços oferecidos pela instituição.

É necessário também estabelecer vínculo com a comunidade a fim de criar parcerias com outras organizações, incluindo pais, ex-alunos, autoridades, grupos culturais para juntos oferecerem uma socialização onde as relações de afetividade sejam construídas e vividas entre todos. Os alunos que estudam nesta escola, em sua maioria são provenientes de camadas

populares da periferia de Santana ou da região ribeirinha. Suas perspectivas com relação a escola é de encontrar nela, a socialização do saber necessário para a formação de sua cidadania. Muitos desses alunos estão em distorção idade-série devida serem de origem interiorana e no período de colheita são obrigados a se deslocarem ao campo, outros fazem pequenos trabalhos que contribui para o sustento de suas famílias, isso impede que continuem seus estudos com sucesso, o que também constitui uma violência simbólica em não respeitarem o direito do aluno estabelecido na lei de Diretrizes e Bases 9394/96, em seu art. 13, inciso I a VI, que estabelece as atribuições dos docentes, família e escola.

Em síntese, esse estudo evidenciou fatores que interferem na situação complexa da escola, tanto em seu aspecto social como em relação a prática educativa que de uma maneira sutil continua favorecendo assim, a cultura do fracasso escolar.

Percebeu-se também que por ocasião desta pesquisa o que mais se evidenciou foi à violência física no âmbito escolar tem estado cada vez mais presente em nosso cotidiano, haja vista, que a maioria dos pais não estão conseguindo lidar com a indisciplina de seus filhos ou tutelados e, por não saberem, enfrentam tais comportamentos de forma agressiva apelando quase sempre para a violência física. A partir desta perspectiva os objetivos propostos no início dessa pesquisa que procurou saber os fatores que levam os educando a serem violentos em sala de

aula tendo como público alvo a família foram alcançados.

Diante desse exposto, constata-se que estes atos agressivos dos pais ou responsáveis interferem no processo educacional, o qual vem refletir na sala de aula, tornando os educandos impacientes, agressivos e, sobretudo revoltados.

Do ponto de vista da prática educativa acredita-se que um caminho possível para atingir os objetivos educacionais passa pela melhoria da relação da escola com a comunidade, e a outra é a abertura de canais de expressão dos alunos, onde os mesmos possam ter mais atenção social através do compartilhamento de responsabilidade, participação, cooperação, em que todas as partes, pais, professores, alunos dentre outros, estejam envolvidos. Assim, possam desenvolver um trabalho sócio-educacional através de um projeto pedagógico com o objetivo de modernizar a gestão escolar, em que todos possam colaborar com o fortalecimento de um trabalho coletivo de qualidade.

Dessa forma, acredita-se ser primordial que pais ou responsáveis e educadores tornem-se aliados para que, juntos, cheguem a um consenso no sentido de estabelecer mecanismos viáveis que venham proporcionar melhorias no comportamento familiar e, conseqüentemente, com reflexos positivos no ambiente escolar.

Certamente essas transformações não serão definitivas nem exaustivas, tão poucos garantirão uma representação consensual, mas influenciará de

forma positiva a operacionalização de uma educação de qualidade com a busca da equidade social.

Portanto, a consolidação desta pesquisa constituiu-se como um marco significativo para a formação profissional, haja vista que servirá de suporte para ampliação de conhecimentos no que se refere à violência no processo escolar. Além disso, este estudo oportunizará aos professores um momento de reflexão a respeito da necessidade urgente de se estabelecer uma relação no contexto escolar não somente de maneira amigável, carinhosa e atenciosa, mas também de respeito mútuo, de flexibilidade, de diálogo constante entre professor e alunos e, também, entre pais, e entre os próprios alunos, objetivando dar oportunidade a cada ser construtor de seu próprio conhecimento proporcionando uma formação de maneira integral, melhorando, assim, a qualidade do ensino aprendizagem,

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Violências nas escolas: versão resumida**. Brasília, Rede Pitágoras, 2003.
- ARÌES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BOCK, A. M. **Psicologias: Uma introdução ao estudo das psicologias**. 13 ed. São Paulo, Saraiva, 2000.
- BRASIL, **Constituição da república Federal do Brasil**, Brasília: Senado Federal, 1988.

FALEIROS, E. T. SILVEIRA, V. P. **Formação de educadores (as): subsídios para atuar no enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes** – Brasília: MEC.

IBGE, Trabalho Infantil – 2001. Rio de Janeiro IBGE; 2003.

KALoustIAN, S. M. **Família Brasileira, as base de tudo**, &^a. Ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNICEF, 2005.

OLIVEIRA, V. F. GUIMARÃES, M. R. **O conceito de violência em Hannah, Arendt e sua Repercussão na Educação Santa cruz do sul**; EDUNISC, 2000.

PEREIRA, J. D. **Alcoolismo Juvenil**. In: Revista Desafios sociais – ano, n 2. (jn./jul.2002). Natal (RN): UFRN/CCSA, 2002.

PRADO, D. **O que é família**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (coleção primeiros passos).

SILVA, A.B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, N. P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**, 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo; Martins fontes. 1991.

VIOLENCIA EM SALA DE AULA. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escolas-lutam-contra-violencia-em-sala-de-aula-7664828#ixzz3762c6oZ5>>. Acesso em 03/03/2015.

Artigo recebido em 06 de março de 2015.
Aceito em 28 de abril de 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.